

Reflexão XIV

Do projeto de Deus ao programa de Jesus de Nazaré (6)

A homilia continua....

Continuamos a ouvir Jesus de Nazaré, na homilia das Bem-aventuranças que preenche todo o Sermão da Montanha. Segundo muitos teólogos do século XX, o centro destes capítulos 5, 6 e 7 do Evangelho de Mateus, também conhecido por oração do Pai-Nosso, é um verdadeiro resumo dos Evangelhos.

Iniciamos, nesta reflexão, o conteúdo dos versículos 7 a 15 do capítulo 6 de Mateus. Antes, porém, uma introdução para bem percebermos o quê, o como e o porquê do surgimento e conteúdo desta perícopes conhecida por oração do Pai-Nosso. Lembremos que também Lucas trata este tema no capítulo 11 do seu Evangelho. A forma como o faz, merece uma abordagem preliminar e comparada com Mateus.

Abordagem de enquadramento da oração do Pai-Nosso.

São diferentes os enquadramentos em que surge este tema nos dois evangelistas.

1. Em Mateus este tema surge num contexto de ensinamento por parte de Jesus de Nazaré aos seus apóstolos e discípulos no Sermão da Montanha.

Mt 6, 7-8

⁷Quando rezardes, não useis vãs repetições, como fazem os pagãos, pois pensam que, pelo seu muito falar, serão escutados. ⁸Portanto, não sejais como eles, pois o vosso Pai sabe do que tendes necessidade antes de vós lho pedirdes. ⁹**Vós, pois, rezai assim:**

2. Em Lucas, este tema surge num contexto de oração íntima do próprio Jesus de Nazaré. E Ele abre um momento da sua intimidade para fazer partilha com os discípulos.

Lc 11, 1-2

¹E aconteceu que, estando Ele num certo lugar a rezar, quando acabou, disse-lhe um dos seus discípulos: «Senhor, ensina-nos a rezar, tal como João ensinou os seus discípulos». ²Disse-lhes, então: «**Quando rezardes, dizei:**

Comparemos estas duas perícopes:

Nenhuma delas prepara o entendimento de como rezar ao Pai de Jesus e Pai Nosso, *ao Abba*, com um:

- Fazei isto;
- Dizei isto;
- Rezai isto,

Mas com um:

- Fazei assim;
- Rezai assim;
- Dizei assim.

Rezar não é, portanto, usar formulas, repetições, ..., mas perceber um modo, um modelo, um estilo de oração que agrada ao Pai de Jesus e ao Pai-Nosso.

Numa tradução muito próxima do original grego, temos a oração do Pai Nosso em Mateus:

*Pai Nosso que estás nos céus,
seja santificado o nome Teu,
seja chegado o Reino Teu,
seja feito o Reino Teu,
como no Céu aqui na Terra.
O pão nosso para cada dia nos dai hoje
e perdoai as nossas dívidas,
como também nós perdoamos a quem nos deve a nós,*

*e não nos deixes cair na tentação,
mas livra-nos do mal.*

Numa tradução muito próxima do original grego, temos a oração do Pai Nosso em Lucas:

*Pai,
seja santificado o nome Teu,
chegando o Reino Teu,
o pão nosso de cada dia dá-nos cada dia,
perdoa-nos os nossos pecados
porque nós também perdoamos a quem nos deve a nós,
e não nos deixes cair em tentação*

São claras as diferenças nos 2 evangelistas. Estamos nos anos 70/75 d. C. cerca de 40 a 45 anos depois dos acontecimentos. Quando chegou a altura de passar da tradição oral para o colocar em papel os acontecimentos da missão e as catequeses para as comunidades cristãs nascentes, não poderíamos esperar uma total sintonia, pois o espírito deve sobrepor-se à letra. E isso faz o sentido de que rezar não é repetir formulas, antes usar um estilo e um modelo de “conversa” com o Pai.

Se hoje pedíssemos a cristãos do Norte e do Sul de Portugal para escreverem num papel o Pai Nosso, teríamos textos praticamente iguais. Porquê?

1. Porque o texto de Mateus foi universalmente consagrado e partilhado;
2. Porque celebramos (devemos celebrar) em comunidade e, por isso mesmo, precisamos de uma sintonia celebrativa.

E nada disso está errado. Porém, não pode ser só isso. Teremos de entrar na escola/modelo/estilo de oração que nos foi ensinada. Jesus de Nazaré ensinou-nos um dizer crente, um dizer orante da Fé e da Esperança no projeto do Reino (daí termos referido que alguns teólogos referem o Pai Nosso como o resumo dos Evangelhos).

Outros pormenores:

1. Nunca encontramos na oração do Pai Nosso a palavra EU. É um jeito de oração que nos volta sempre para o TU – Deus, e, nos convoca para um NÓS, sempre em comunidade numa lógica de criação de laços na estreita colaboração com Deus no projeto do Reino;
2. É uma poesia da autoridade do Pai e o sinal de que estamos abertos para a realização plena do Seu Reino;
3. É uma bênção do seu Nome no Mundo para a concretização da Sua vontade aqui na Terra como se fosse o Céu;

Depois desta abordagem preliminar, vamos refletir passo a passo sobre o conteúdo da proposta dos versículos 7 a 15 do capítulo 6 de Mateus. Para hoje o versículo 9.

Mt 6, 9

⁹Vós, pois, rezai assim:

Pai nosso, que estás nos céus, santificado seja o teu nome,

Pai Nosso....

Pai, obediência de um filho em relação a um Pai (atitude filial) que não é o patrão, o dono. Pai absolutamente BOM. O Meu Pai trabalha e Eu também trabalho, dizia muitas vezes Jesus de Nazaré, a imitação do Pai, numa obediência não servil.

Que estás nos céus...

Céus e a cosmologia do mundo à época:

A terra uma placa bem firmada e plana. Não negacionista, mas com base no conhecimento científico à data. O firmamento era o que ficava acima da terra. Depois, os céus – 7 céus. E o infinito do Céu seria o Sétimo Céu.

Percebamos qual o contrário de Céu? Terra... ou Inferno Será?

No Pai Nosso nem uma coisa nem outra.

Percorramos a história. Os Judeus voltavam-se na direção do Templo de Jerusalém. Segundo a sua religião, aí habitava Deus.

Mas, Jesus de Nazaré levanta sempre os olhos e apenas isso. Este Céu é o contrário do Templo de Jerusalém... Com este gesto, Jesus de Nazaré não está a pretender dizer onde Deus está. Está, antes, a dizer-nos onde Deus não está. O Céu é a imensidade infinita que pertence a todos. O Céu é a imensidão que nos irmana numa justiça para além de qualquer mérito. Se chove é para todos. Se faz sol é de todos. Ninguém o pode perder e ninguém no-lo pode roubar ... O Céu em que Deus está não é um lugar, mas o jeito como Deus é, um Deus de todos e para todos. Um Pai com o coração feito Céu. Um Deus que está além das coisas de que podemos tomar posse....

Santificado seja o teu nome

Santificar é bem-dizer, é glorificar. Transcende-nos e isso não significa estar longe, mas estar diante e comprometido connosco.

Dar nome a Deus é dar-Lhe importância e valor. O nome não é um designativo. O nome diz-nos uma relação. Ter nome é dizer quem se é. Viver de forma orante para santificar o nome do Pai é crescer na humilde. Humildade é a elegância da liberdade. Quem é verdadeiramente livre é humilde para viver em função do projeto do Pai Nosso. Deus é Projeto e eu/nós devemos estar ao dispor desse projeto. Nunca deve aparecer o EU.

Qual é o nome de Deus? Identidade, Missão, Ser?

Deus nunca tem um nome como era típico para as divindades. Vejamos o que aconteceu com Moisés quando perguntou ao Deus da sarça ardente, mas quem digo eu quem Tu és, qual é o Teu nome? Eu sou Aquele que Sou.

Mas isso não é nome? Gostamos de dar o nome dos seus amigos.

E Deus responde: dirás como meu nome: o Deus de Abraão, de Isaac e de Jacob... depois o Deus de Daniel... depois o Deus de Jesus. Deus de Paulo, de Pedro...etc... de ti, de mim. Deus nunca dizer o seu nome, significa que não diz de si mesmo um nome pessoal. Nós é que damos nome a Deus. E isso diz-nos que, **santificar o nome de Deus** é viver de tal maneira que possamos DAR BOM NOME A DEUS.

Como é enorme a confiança de Deus em mim, em ti em nós.

A homilia continua....

Reflexão baseada em propostas do P. Rui Santiago, CSSR

Apoio bibliográfico:

Papa Francisco, D. António Couto, Ariel Álvarez Valdés e Gianfranco Ravasi

Citações:

Os Quatro Evangelhos e os Salmos – CEP

Bíblia dos Capuchinhos.